

da série
PLANOS DE FUGA

6.

se é violenta a forma como, de um dia para outro, esse silêncio se instala nas coisas, entre os livros e quem insiste em ler, deles, o escuro, escrevê-lo, violento também qualquer impulso para romper o silencioso cubo de treva (ou o infinito domado à esquadria), os desencontros que se sucedem, aqueles que forjamos. Os ruídos que se inauguram por todos os lados, invencíveis, e a falta que sentimos deles na tarde fria, muda, morta. O rádio talvez esteja ligado. Talvez haja café a alguns metros. Ainda assim. Restringe-se a essa batalha, em que nada se dá aos ouvidos – nenhuma linha, ninguém, nenhum grito.

7.

o assunto parece ser política, o que se espera do outro, se superáveis os limites, o que representa isto, isso, aquilo. De repente, muda. Certo apego pela dúvida, um inconstante visitar a margem das palavras, do que imaginávamos ser o sentido delas. E das coisas através delas, do constrangimento a elas, dos contextos a que estão submetidas. Mas não se aproxima do ponto, o vento canta nas frestas, a única razão já não é mais suficiente – e o dicionário é um estranho. Já não há sombra dos poemas, a cada certeza que os desescreve. A amizade e a melancolia roubadas dos livros de séculos passados, alguma outra medida, o inviável.